

## A ARTE COMO POSSÍVEL CAMINHO PARA RE-HUMANIZAR O SER

Joanice Parmigiani

**“A gente não quer só comida, a gente quer bebida, diversão e arte!”**

(Arnaldo Antunes, Marcelo Fromoer, Sérgio Britto – Titãs)

No universo da educação não-formal, a arte apresenta-se como uma das ferramentas pedagógicas, podendo ser utilizada como um meio de assimilação do mundo, um instrumento para conhecer e desvendar o conhecimento, por meio da sensibilidade e da estética, dimensões do desenvolvimento humano de grande importância para a plenitude da vida, e nem sempre presentes na realidade da população de periferia, onde inexistem espaços de cultura e lazer, impedindo que o sujeito desenvolva essas capacidades. Gohn (2005) referenda o que estou afirmando: *“a maior importância da educação não-formal está na possibilidade de criação de novos conhecimentos, ou seja, a criatividade humana passa pela educação não-formal”*.

Dentre as características desta educação, destacamos a não fixação de tempos e espaços, o que permite a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada educando, respeitando-o como o sujeito que vem sempre antes do conteúdo, e é nesse ponto que observamos o papel da arte na transformação do ser, contribuindo para possibilitar o rompimento com fatores que o mantém alienado.

Sabemos que muitos são os fatores que corroboram para o embrutecimento do ser humano, fato que se torna mais visível em populações que vivem em situação de extrema pobreza ou que são privadas da garantia dos direitos básicos de saúde, lazer, moradia, alimentação e educação.

Em junho de 2003 conheci um programa de inclusão social, no município de Carapicuíba, periferia da cidade de São Paulo. Ali entrei em contato com crianças e jovens, na faixa etária entre sete e dezessete anos, oriundos de comunidades localizadas no entorno da unidade. Essas comunidades são extremamente desprovidas de condições dignas de moradia, alimentação, saúde, lazer e convívio

em espaços coletivos de socialização. Não existem espaços para a recreação, pois as moradias localizam-se entre uma auto-pista e a linha do trem e pela escassez de espaço até as calçadas foram invadidas pelas construções.

Algumas famílias convivem com esgoto a céu aberto que passa na porta das casas, e sofrem infestação de ratos e escorpiões constantemente, principalmente em época de chuvas. Um dos casos extremos que testemunhei foi de uma menina de doze anos que comparecia às atividades do projeto com muito sono, durante uma semana ela nos parecia doente e quando fomos conversar com a mãe, soubemos que elas (mãe e filha) estavam revezando-se durante as noites e madrugadas para vigiar as crianças menores, dentre os quais havia um bebê de quatro meses, para que os ratos não subissem nas camas e mordessem os pequenos. Somente a sentinela estava garantindo que isso fosse evitado. Esse fato pode ilustrar o estado de violação de direitos em que esta população vive. Daí que, para entender seus comportamentos e atitudes é preciso perceber e analisar profundamente as relações de cultura e saber nas quais estão inseridos, e vamos então perceber a ausência de humanidade que existe no tratamento das classes populares para as quais não estão garantidos sequer os direitos básicos. É preciso garantir-lhes uma educação que proporcione sua formação como sujeito histórico e consciente de que a história é resultado de ações humanas e que a trama histórica está localizada no embate das relações sociais. É necessário romper a relação de dependência e o estado de permanência levando-os a perceberem as possibilidades de transformar.

Em minha experiência profissional, tenho atravessado a “ponte” diariamente, e do outro lado encontro-me com os meninos e meninas que integram o projeto de inclusão social e neste contato tenho experimentado sentimentos diversos, inquietações oriundas de incertezas e indignações. Penso, às vezes, que sou parte de uma sociedade absolutamente excludente, preconceituosa e insensível ao outro e ao sentir-me parte desta sociedade experimento sentimentos de culpa pela situação vivida pelos meus educandos.

Edgar Morin (2001), em seu livro “Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro” nos fala sobre a necessidade de se ensinar à condição

humana, nos remetendo à reflexão de que o ser humano é um ser complexo, sendo ao mesmo tempo um ser físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico e espiritual, o que nos leva a pensar sobre a garantia das necessidades básicas que dão sustentação a essa dignidade e a essa complexidade. Ele adverte-nos quanto à necessidade de trabalharmos no desenvolvimento dessa consciência da natureza do ser humano em sua inteireza, levando-o a conhecer e reconhecer sua complexa identidade que é uma identidade comum a todos os outros seres humanos. Essa condição tem relação direta com o processo de humanização do indivíduo e não apenas no sentido da sensibilidade do ser, mas, principalmente, quanto à capacidade humana de pensar, agir e de sentir. Ao aprender a pensar o ser humano desenvolve diversos sentidos que são formadores e transformadores de seu próprio existir. Assim, ele aumenta sua percepção e amplia seu olhar sobre as coisas que o cerca e com as quais ele interage. Para humanizar-se é preciso então, perceber o seu próprio mundo, sentir sua realidade e olhar além, identificando as possibilidades e compreendendo as transformações que ocorrem e poderão ocorrer. E para alcançar essa percepção, o caminho inicial é “conhecer-ser a si mesmo”, buscar sua identidade.

Dentre os pensamentos que fervilham minha mente penso: onde podemos buscar a solução para o caos da periferia? Remeto-me então a Paulo Freire e compreendo que é preciso uma educação como prática de liberdade, libertação como um processo endógeno. Então, como levar essas pessoas a arrancarem de dentro de si mesmas a opressão? – que é justamente o caminho apontado por este autor como possibilidade de transformação. Freire (1992) afirma que somente o oprimido pode arrancar o opressor de dentro de si, e, mais que isso, só o oprimido pode libertar o seu opressor. Nossa cultura, forjada num processo histórico de exploração, mantém os homens e as mulheres subjugados e impotentes diante da dominação que sofrem, vivendo apenas para sobreviver como seres dependentes a quem não é legada a alegria de viver, a autonomia e a liberdade, mas apenas a servidão.

A arte tem papel efetivo na construção do indivíduo, pois possibilita o desenvolvimento do olhar que é capaz de perceber as nuances em tudo o que o cerca e o envolve, contribuindo para que possa se conhecer e perceber-se, para poder perceber o outro e transformar suas relações. Para isto é necessário que um exercício de auto-conhecimento e de reflexão de suas próprias ações, e de como ocorre o desenvolvimento, abrindo caminhos para, o que podemos dizer como recomposição da personalidade mais sensível e humanizada.

Ao refletir meu próprio processo de formação, reconheço a arte desbloqueando minhas potencialidades mais latentes e criadoras, meu senso mais humano e mais sensível. É preciso então, apresentar aqui, o palhaço de minha infância – “Passa-Fome”.

A esse respeito considero oportuno citar Herbert Read (1986) ao afirmar que *“a arte é o ator ideal para o papel do redentor, daquele que resgata”*, levando-me a identificar no palhaço, o redentor de minha sensibilidade.

Tomei contato com ele aos cinco anos de idade, quando meu pai me levava para assistir os espetáculos do circo da minha cidade natal, Cornélio Procópio, Paraná, nas manhãs domingueiras de minha infância. Talvez a leveza daquele ser, talvez a ingenuidade ou quem sabe a humildade, marcaram minha vida de forma tão forte que emociono-me ao lembrá-lo, sempre e sempre.

Neste momento não vem ao caso uma discussão profunda a respeito desse personagem, entretanto considero oportuna uma apresentação resumida, pois a partir daqui falarei sobre um projeto pensado no sentido de resgatar a humanidade pelo viés da arte, fato que pode ser percebido em meu próprio processo de formação. Pelo contato com a arte do palhaço Passa-Fome, desenvolvi o desejo profundo de trabalhar com a educação daqueles que sofrem as injustiças sociais e experimentam a fome em suas muitas dimensões. A pergunta que sempre fazia a meus pais continua viva em minha prática docente: “Será que o “Passa-Fome”, passa fome mesmo?” Durante minha graduação em pedagogia trabalhei com a metodologia de história de vida como instrumento de construção de autoria da prática pedagógica, buscando desvelar, por meio do resgate de memória o processo de formação pessoal e profissional, apontando a relação existente entre

o contexto social, político e educacional vivenciado, o que levou-me a reencontrar o palhaço, residindo dentro do meu ser, e perceber sua marca em minha própria personalidade. Reconheço-me como uma educadora, cuja relação com os educandos é sempre permeada pela afetividade e consigo perceber as raízes dessa afetividade no meu palhaço de infância. E daí que a arte do palhaço regula a intensidade e a profundidade das minhas ações.

Desejando superar esse estágio de embrutecimento, no qual os nossos educandos estão imersos, levando-os a um estado de espírito mais sensível e rompendo com o paradigma da exclusão social desse grupo, iniciamos um projeto denominado “Político Cultural”, proporcionando-lhes um diálogo com a arte e a cultura a fim de garantir experiências estéticas e sensíveis que pudessem ampliar seu repertório cultural, ao mesmo tempo em que transformassem seu olhar e sua compreensão de mundo, pois, na nossa convivência, fomos percebendo os benefícios que o contato com a arte e a cultura trazem para suas vidas, observando que nas oficinas de artes plásticas, de teatro, de dança, de música, eles desenvolvem uma expressão diferente, soltam-se mais, são mais felizes, e observamos que fora dali, a falta das condições necessárias para uma vida digna, rouba-lhes a alegria de viver e pouco a pouco, envolve suas almas, fazendo-os imergir num pântano de contrariedades e desilusões, e passo a passo, vai embrutecendo-lhes o ser, levando-os a um estado de rebeldia e de revolta. Esse embrutecimento que ocorre, desumaniza-os e dificulta suas relações sociais, corporificando assim o processo de exclusão social.

Freire (1987) referenda o que estou afirmando ao apontar a desumanização como a negação do humano, pois a vocação do ser humano é justamente sua humanização:

“Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na

história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos*”.

(Freire: 1987. p. 30)

Na busca pelo caminho da re-humanização e para garantir o movimento da arte e o contato dos educandos com ela, criamos nas dependências da Unidade, uma “Galeria de Arte”, na qual trimestralmente inauguramos exposições, fazendo um revezamento entre os trabalhos artísticos produzidos pelos próprios educandos durante as oficinas e obras de diferentes artistas, que convidamos para exporem seus trabalhos. Essa prática educa o olhar, amplia a concepção da própria arte, do belo, proporcionando uma educação estética que provocou transformações nos educandos e nos educadores e em suas relações.

Neste sentido podemos perceber que ao expor seus trabalhos, os educandos revelam seus sentimentos mais internos e é nessa experiência sensível que temos possibilidade de verificar a ação concreta da arte levando-os ao encontro do seu lado mais humano, do seu “*ser mais*”, como define Freire (1987).

Um outro movimento criado dentro deste projeto são os “Saraus”. Eles representam um espaço no qual os educandos têm a oportunidade de apresentar suas performances de danças, poesias, encenações teatrais, cantos, entre outros.

Durante os “Saraus”, os educandos vivenciam o protagonismo por meio da arte. Experimentam a afirmação de suas potencialidades criadoras e estão confirmando a si mesmos que possuem capacidade de ser e de criar, uma experiência com sentido e significado para cada um. Os educadores, os pais, a comunidade presente os assistem e confirmam, com aplausos, o que fica gravado em suas almas: “Eu sou capaz!”.

Essa polifonia da arte, ao longo do tempo, tornou-se uma metáfora no processo educativo que ocorre na Unidade. A localização espacial da galeria permite que a arte faça-se presente em todos os ambientes, e em todos os momentos vividos pelos educandos e educadores.

A metodologia de avaliação aplicada pelos educadores, na qual ao final da atividade do dia, em roda de conversa colocam seus trabalhos no centro e, cada

educando tem a oportunidade de apresentar a sua produção e comentar a de seus colegas é um exercício que desenvolve o senso crítico, tão essencial à formação humana. Ao colocarem-se acima das produções para poder enxergar o conjunto, contemplam a própria capacidade criadora, podendo enxergar suas próprias potencialidades.

Este projeto político cultural tem um desejo latente de alimentar os sonhos, sonhados pelos educandos, sonhados pelos educadores, sonhados por todos os atores envolvidos na unidade educacional, podemos ressaltar isso com as palavras de Boff (2001):

“Morrem as ideologias e envelhecem as filosofias. Mas os sonhos permanecem. São eles o húmus que permite continuamente projetar novas formas de convivência social e de relação para com a natureza.”  
(Boff: 2001)

E é justamente no caminho dos sonhos que esse trabalho tem proporcionado mudanças no comportamento e nas relações entre os educandos e deles com o espaço, com o outro e consigo mesmo, uma vez que as ações pedagógicas ocorrem de forma a possibilitar o desenvolvimento de ações interpessoais, de interação e integração social, levando-os a avançar juntos, a compartilhar e a aprender na percepção das descobertas do outro. Há uma perceptível elevação da auto-estima, do comprometimento dos grupos, da socialização dos conhecimentos e das competências, resultando no compartilhamento das experiências e vivências de cada um com todos e de todos com cada um.

Distante que estamos do rigor burocrático com que a escola formal está organizada, na educação não-formal temos a nosso favor o sentido coletivo do trabalho educativo no qual todos os educadores são educadores de todos os educandos e os educandos são educandos de todos os educadores, levando-nos a trabalhar com um currículo formativo que trás como objetivo maior educar para a sensibilidade, para a humanização do ser, oportunizando ao educando desenvolver autonomia e o sentimento de pertença, por meio do contato efetivo e

humanizado da relação educador-educando-aprendizado. Nossos indicadores consideram todas as produções, os registros, textos, pesquisas nas diversas linguagens, consideram também o envolvimento, o interesse e a participação nas propostas que são lançadas.

Poderia ainda falar sobre as danças, a viagem dos sentidos no movimento corporal que eleva a auto-estima, dá leveza aos movimentos ao mesmo tempo em que melhora as relações, pois no processo de reflexão-ação-reflexão, vamos percebendo onde podemos ir além, como intervir para que os educandos avancem e assim, vamos construindo em nossa práxis educacional um currículo que emancipa pelo viés da humanização, um currículo que é construído a partir da realidade social de seus atores e que leva em conta a participação ativa e dinâmica de todos para que o conjunto de aprendizagens, atitudes e valores possam ser desenvolvidos de forma integral e harmônica, considerando o educando em toda sua complexidade. Esse exercício nos leva a sentir com todos os sentidos o processo individual pelo qual cada educando passa e vai percorrendo um caminho que o leva ao reencontro de sua própria humanidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 7ª ed. Editora Ática, São Paulo, 2004.

BUBER, Martin. **Sobre Comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – saberes necessários à prática educativa. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GROPPO, Luís Antonio. **Comunidade, sociedade e integração sistêmica**. Apostila. Americana: São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. **A modernidade e a sociologia da educação**. Apostila. Americana: São Paulo, 2005.

MANNHEIM, Karl. **Liberdade, poder e planificação democrática**. São Paulo: Mestre Jou, sd, caps 1 e 7

MILLS, C. Wright. “as ambições e as decepções do sociólogo profissional”, In: F. Fernandes (org). **Comunidade e sociedade**. Leituras sobre problemas conceituais metodológicos e de aplicação. São Paulo: Nacional; Edusp, 1973.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

READ, Herbert. **A redenção do robô** – meu encontro com a educação através da arte. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1986.

## ANEXO – FOTOS DO PROJETO POLÍTICO CULTURA



Grupo de Samba formado por educandos de 7 a 12 anos apresentando-se em Sarau



As Dez Bailarinas do Sol – Grupo formado por meninas de 7 a 10 anos



As mulheres da Comunidade também integram os grupos culturais como a Dança do Ventre



Grupo de Balet – meninas de 10 a 14 anos



Galeria de Artes – Exposição de produções dos educandos



Grupo de Percussão – educandos de 7 a 17 anos



Mostra de trabalhos de Artes Plásticas

